

**O BATUQUE DA PROCURA***Leonardo Lima Ribeiro<sup>1</sup>*

*Para Ailan Kurdi, Alex e todas as crianças recentemente violentadas e assassinadas, delicadas vidas medidas pelo preço do padecimento como moeda de troca, tanto com aval de cinismos beligerantes, quanto com a permissividade de perverso rentismo.*

De acordo com certa lenda amazonense, Iara foi uma indígena cujo canto que dela emanava era ritmo especial. Sua voz era realmente peculiar, pois produzia-se como vibração capaz de pescar ouvidos dos companheiros que se deixassem envolver pela melodia, a qual atravessava espaços imensuráveis do norte do Brasil. O magnetismo em expansão da canção de Iara era singular, único.

Em períodos noturnos, e por vezes mergulhado no entremeio dos rios Negro e Solimões - que correm lado a lado em Manaus -, o canto de Iara era a voz, a expressão musical vertida nas águas escuras e paralelas, também acalentadas por sopros de ar impessoal. O canto, acima de tudo, era melodia fluvial que curiosamente produzia peças de teatro indígena, ao atravessar corpos nativos e neles se assentar, vibrando e determinando a espessura dos seus fisiológicos ritmos.

Assim, era impossível que, ao escutarem a melodia de Iara, os povos indígenas não se transformassem nos personagens de um canto, submergindo nos rios ou, ainda enfeitiçados, sobre eles flutuando na forma de mística natação. Sendo pela música cortante sequestrados, os indígenas a ressoavam também mesmo no suor das peles avermelhadas, ricocheteando na forma de inomináveis odores o feitiço daquele canto. O transe e o descontrole assustavam, pois eram

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); é especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC (Universidade Federal do Ceará); é mestre em filosofia (linha de pesquisa: Ética) pela UECE (Universidade Estadual do Ceará). É autor do livro *Ciência Intuitiva e Suprema Liberdade na Ética de Spinoza* [2013].

tão inoportunos quanto o temor da cegueira perante aquela voz. Os ameríndios amazonenses sentiam que a melodia lhes retirava a inteireza de seu poder. Quanto a isso, nem mesmo os xamãs poderiam lhes proteger. Manter à distância Iara: eis a palavra de ordem destinada às tribos locais.

Emitindo aquela voz na forma de canto, que fazia vibrar até mesmo as águas dos rios num ritmo estranho, Iara não só produzia o movimento intenso, ou melhor, o estremecimento das cores vivas da paisagem aquática, retocada com apoio da lua, que de antemão já esverdeava as águas, na insistência de imprimir sobre elas o intenso reflexo de algumas plantas espelhadas.

Ao cantar para a vida vegetal, pela qual também se deixava envolver, a indígena-sereia também construía o palco no qual os indígenas poderiam tornar-se personagens da espantosa voz, dançando ritmo descompassado e gesticulando indecifrável língua. A música cumpria então pitoresca tarefa: compor um quadro excêntrico, por meio do qual águas ganhavam novas formas e índios reinterpretabam suas vidas, agora dominadas e encenadas nos arremedos de um transe incontável. Tal era o poder de Iara. Produzia mundos porque pelas mundanas vísceras selvagens se deixava envolver, plasmando paisagens inóspitas pela força de síntese da melodia. A assustadora voz de Iara impunha, para a natureza da qual provinha, um canto, posicionando-a junto aos indígenas nos contornos de baladas, que de antemão nunca haviam sobre a Terra aparecido.

----

Pois bem, é isso que representa o nome da Iara amazonense. Iara, a personagem principal da pequena história acima relatada, é o símbolo, o nome do poder de uma indígena que habita rios os quais correm paralelamente no norte do Brasil. Iara é um nome poderoso, que é incorporado na figura juvenil feminina, e cujo significado expressa a força abundante do canto das águas de Manaus, o qual é capaz de enfeitiçar indígenas arrebatados num ritmo que tem a força de construir mundos infinitos, paisagens vivas.

No entanto, a partir de agora contaremos a história de outra Iara. Uma menina que, apesar de ter encarnado o nome da poderosa Iara dos rios amazonenses, habita um lugar sem abundância d'água, ou melhor, um lugar no qual a regra da vida e dos indivíduos se faz a partir da extrema seca.

Segue então a história de uma garotinha do Ceará que, embora seja nomeada pelos pais com o nome de indígena que vive em rios abundantes do norte do Brasil, tem, por outro lado, o corpo inteiramente mergulhado em outras paisagens, pela menina não elaboradas: envolvidas por terra em que a falta d'água e a secura do clima é que dão o tom da narrativa.

Esta outra Iara também canta. A sua voz, contudo, não é a de uma arquiteta de mundos, mas a de uma emudecida espera. Silêncio de uma suspensão, imanente a delicado corpo que batuca enquanto atravessado pelos gritos ensanguentados e gemidos outros advindos do sertão. Jaz então abaixo a melodia de parte do Nordeste brasileiro, que, sobretudo, gostaria de adentrar os abundantes rios em que o seu próprio nome intentava representar.

----

Iara emitia um canto diferente. Não era a melodia da narrativa de uma indígena amazonense. A música da menina cearense não era apenas inerente à sua boca em silêncio. Poderíamos dizer que todo o corpo da pequena garota, mesmo em momentos nos quais se punha em silêncio, ressoava música. Como se cantassem ao se moverem, todas as partes da sua fisionomia anunciavam estranhas vibrações. Complexas vozes mudas e diversos sons sem boca entrecortavam uns aos outros naquele pequeno organismo, mesmo quando os lábios não se descolavam.

Cada gesto do irregular caminhar por vezes rastejante anunciava ruídos que exprimiam fricções sobre terras ressequidas da região. Essas terras, que compunham com a menina o canto dos pés e mãos banhados de barro e rastejantes, eram pintadas pela palheta de cores da quase plena ausência d'água, o que dava a textura do solo, da vegetação e das poucas casas verticalmente esticadas. Fragmentos brancos de ossos espalhados em desnível lembravam cabeças de falecidos animais, completando o quadro, que era somado enfim aos suspiros dos ventos que, cruzando o espaço, escalpelavam viventes. Era uma espécie de retoque que apenas a presença da morte em vida poderia ser capaz de elaborar na forma de cor.

A mistura de furiosos ventos, cores do seco ardiloso e textura embranquecida dos ossos animais era o palco no qual Iara produzia complexos sons, um batuque musical estendido aos arredores. Isso entrava em conflito com os silenciosos lábios rachados que, embora sanfonados,

pouco falavam. Mas, enquanto Iara nada expressava através dos poucos dentes em formação, o resto do corpo encaixado à paisagem tudo dizia. O dizer de Iara era a música de vibrante leveza, organismo com oito anos e vinte quilos do qual cada componente não só anunciava um sentimento de mundo que pesava toneladas, mas fazia o ambiente ao redor impregnar-se na forma da pele e de tentáculos de cabelos crespos.

A película dos enormes olhos pretos, assombrados pelo que poderiam deixar ver de sórdido, emanava um brilho que recortava o contexto com o simulacro de um ardor flamejante, desdobrando às vezes a brutalidade do fogo, que por diversas vezes esfacelava o restante de verde que recobria as presentes matas. Sua vista grunhia algo cortante. Por outro lado, os braços enegrecidos pelo sol amaciavam frequentemente o vento e as roupas esticadas diariamente pela mãe no varal.

Isso fazia da estridência das linhas do varal algo similar aos arpejos das cordas de viola, dedilhadas agora pelas delicadas mãos, voltadas contra as vestes penduradas nas margens daquele ordenado caos. Do mesmo modo, para Iara, mover os braços queimados de sol em desanuviado céu era também recompor na forma de ruídos a queimadura sofrida, devolvendo reativamente ao sol e sua intensa luz os resquícios da impudência que ele provocou. Tratava-se de um repente composto entre Iara e o sol, seu maior adversário, que lhe ressequia a língua desaguada e fissurava os pés descalçados pela pobreza.

A pobreza dos pés descalçados no chão em que o sol ardoroso se arrastava com crônica violência não impedia que, sobre o fervor do solo irregular, Iara arrastasse os suados calcanhares. Nesse compasso, a menina produzia o atrito que regava a terra com as gotas de suor que escorriam, gotas que pareciam cair do pequeno corpo enfraquecido como a última expressão de um desejo: o de fazer brotar, por intermédio dos pés, água pura e plantas frutíferas; função da qual a isenta chuva, que há muito havia se escondido covardemente, pensava ela, mal exercia. Assim, a menina levantava pelos pés a poeira. Enquanto escavava a terra, misturando-a com seu relatado desejo, borrava de arenosos tons o céu escandido por poucas nuvens. A cortina de marrom sobre o céu empoeirado em meio às passadas que sombreavam a terra recortada era a paisagem por Iara formada. Esta pintura, também por Iara contemplada ao passo que a criava, servia de ocasião para lembrar-se de algo que os pais ensinaram: *ao enxaguar de suor a terra e dela*

*arrancar o barro na caminhada, realizava um pacto de trabalho com o mundo, a ser selado com a música dos pés vibrantes e aligeirados à procura d'água.*

Não somente os pés doloridos e desprotegidos eram instrumentos desta melodia da procura de água como trabalho, pois um conjunto de baldes também era por Iara carregado. Um deles ampliava a delicada cabeça, outros dois estendiam os contornos da mão direita. Eram baldes sobre os quais completava sua música, projetando sobre eles parte dos ossos da mão esquerda. O *batuque da procura*: era desse modo que Iara intitulava a melodia do trabalho diário, que tinha como músicos os pés no chão e as mãos sobre os baldes, seus únicos brinquedos. O batuque era assim um ritmo que atravessava os espaços compostos por solidão, solidão acompanhada estritamente pela dança dos abutres que a entrecortavam com os tecidos fragmentados de seus famintos corpos negros. Mas, diferentemente de Iara, os abutres procuravam outra coisa: restos de carne pútrida em relevo nos ossos de animais espalhados pela superfície barrenta, dispersos numa comunhão macabra com as formigas típicas do amarelado norte do Ceará.

Entretanto, se lhe perguntassem, não às formigas, mas a Iara, de quem era a autoria da música: a menina nada responderia. Manter-se-ia prostrada e em silêncio. Além do fato de pouco falar, como havíamos dito, ela tinha a clareza de que não era autora da música. Iara parecia intuir que a melodia não seria possível sem a presença de algo que lhe atravessava a vida, não pedindo permissão para escolher pelos caminhos da liberdade. Tratava-se da exigência, o destino da procura d'água.

O *batuque da procura* era e não era então de sua autoria, pois, na realidade, a procura d'água tornou-se a contingência que lhe vinha de fora. Era uma necessidade externa que tomava de conta da inteireza da complexidade de menina, e não apenas de uma de suas partes. Havia então a exigência de que não apenas caminhasse, mas que imperativamente seu corpo batucasse, ao passo que se sentia possuído por estranho objeto: o da presença da ausência d'água, o preenchimento da sede que secava. A sede da procura d'água dominava Iara. Era independente de sua vontade compor ou não o som. Aquela arte não podia ser sua, não a considerava como um objeto de prazer, o qual daria para si mesma de presente. Disso estava semiconsciente. Por isso, o silêncio sobre a questão da autoria da música, que por sinal à deriva lhe deixava, serviria para todos como a mais definitiva das respostas.

Contudo, existiam outras coisas de que Iara também estava parcialmente consciente. A pequena menina tinha compreensão confusa de não saber se a memória que lhe chacoalhava o corpo era confiável. As lembranças repentinas que emergiam intensamente, durante a melódica caminhada batucada, nela apareciam ao acaso da música gerada, produzindo espantosa sensação de desconforto. Era o sentimento consciente de não entender claramente se o passado de sua história ainda era a verdade viva do seu presente.

Passado e presente não mais flertavam um com o outro, não se penetravam em Iara. Esses tempos, passado e presente, agora inimigos incommunicáveis, pareciam cada vez mais se dissociar um do outro na cabeça de Iara, nela produzindo profunda divisão, tal como se experimentasse dois mundos: o presente de passagem e o retorno do que passou. Agora parecia estar dominada pela desconfiança na memória, que não se anunciava no presente musical. Quanto mais caminhava ao ritmo do batuque do qual participava, o próprio batuque da caminhada retirava de Iara a objetividade das decisões e conclusões.

Repentinamente, como se recebesse um choque emanado do cérebro para o corpo, com exaspero Iara viu enfim a própria boca entreabrir, sem querer sussurrando através dos lábios rachados:

– Meus pais! Cadê eles?! Paaaaai?! Mããããe?! – Perguntava-se atordoada, autorizando as lágrimas a escorrerem desnudadas e sem refreio sobre o rosto recoberto de terra.

O rosto era agora um bicolor maquiado pelos afagos da terra e pela clareza de úmidos prantos. Em cada parte de seus cantos mesclados de seco e molhado salgado também perseverava a desconfiança da existência viva dos pais, que, apesar de tudo, na memória se preservavam. Ali, naquelas terras musicadas por Iara, já não estavam presentes. Como Iara se deixou perder dos pais? Ou ambos, Iara e os pais, haviam simultaneamente se perdido?

– Foram os meus pais que me perderam! Deixaram que eu me perdesse deles! – Lembrou de repente a menina. Algo que até o momento havia esquecido, sem ter a consciência de por que esse fato dela se escondeu. Veio-lhe então à luz repentina a cena noturna em que presenciou, de

olhos entreabertos, os pais planejarem seu abandono, uma ocasião na qual havia brevemente acordado de profundo sono. Assim, lembrou-se do que escutou:

– A gente tem que encontrar um lugar pra ela ficar. Não tem mais jeito. – Sussurrou o pai nervoso.

– Sim. Não tem mais como... Mas ela é muito miúda! – Gritou atordoada a mãe, que foi calada pela violência do esposo que contra ela avançou, empurrando-a em direção a parede de barro e calando-lhe a boca ao recostar sobre ela um pedaço de ferro. Em seguida, ameaçando-a de morte, expulsou a pálida mulher magra da casa forrada de palhas. Com pontapé e pauladas, a fez atravessar a velha porta de madeira da entrada, abandonando-a desdentada e com o vermelho de seu sangue feminino à noite estrelada. Caindo calada e no escuro machucada, a mãe sumiu, tornando-se imperceptível. Depois disso, Iara nada mais escutou. À ocasião, não teve tempo de entender as razões de por que iria ser abandonada pelos pais. Restando-lhe apenas tremores e calafrios, que perduraram pelo intervalo da noite como envoltório do desespero, por fim desmaiou.

Agora Iara lembrava o porquê de ter acordado já pela manhã solitária, em meio ao grande deserto acompanhado de abutres, formigas e baldes deixados pelos próprios pais. Essa constatação fez o corpo da menina descarrilar, saindo da rota planejada para o encontro da água. Aquela situação parecia ter tornado todos os acidentes e crimes do mundo os únicos fluxos vibrantes pelos quais deixava envolver a sua vida. O pessimismo nela se generalizou, pois dos recônditos de sua alma ele se ocupou. A sede também lhe possuía de modo voraz. Assim, em momentos entrecortados de sede e pessimismo, passou a tombar ao longo da jornada, da qual já desacreditava. As pernas, mesmo que as sentisse como sendo suas, não mais lhe pertenciam.

Sobre a ensolarada terra enfim se deitou, oferecendo ao sol as queimaduras do pequeno corpo negro cearense, com nome de indígena amazonense. Após algum tempo, começou a delirar de febre. Dela também se apossou a ideia de se enterrar, misturando-se às raízes das poucas plantas presentes e mesclando-se aos animais mortos dos arredores. Não estando mais sob controle, cavou com desesperança um grande buraco e, ao fim, nele se jogou, deixando-se acolher pelo subsolo de um mundo umedecido, por ela ainda desconhecido. Posteriormente,

adicionou ao organismo vulcânico a boa soma de areia que empurrou contra si. Em seguida, soltou enorme e dolorida gargalhada e se viu fechando os olhos em desespero. Embora se imaginando no âmago esplendoroso de grandes rios que acalmassem, penumbra real e terra seca eram as águas em que mergulhou, tornando-se para ela companheiras.

*Inoportuno, e agora por escuridão envolvido, o batuque da procura, em Lara, silenciou.*